

Diálogo entre Michel de Certeau e Walter Benjamin: a invenção do cotidiano e a experiência em questão

Da introdução

Vivemos atualmente uma imensa crise geral da sociedade. Crise relacionada aos impasses e à falta de resposta da pós-modernidade. Crise profundamente ética. Crise também dos paradigmas que buscam explicar o sujeito em o seu contexto social.

Para colaborar ainda mais com os indivíduos na sociedade, Walter Benjamin esclarece que a modernidade promoveu uma estrutura epistemológica na tentativa de compreender que existe uma naturalização dos fatos, a qual Benjamin (1991) detecta que a modernidade é o lugar por excelência da atrofia da experiência e do abandono progressivo das narrativas. Há migalhas espalhadas em corpos silenciados. No texto *Experiência e pobreza* (1933), Walter Benjamin aponta que a experiência (*Erfahrung*), entendida como um campo de lembranças aglomeradas na memória, encara uma progressiva expressão de atrofiamento.

Logo, apesar da existência de uma interação efetiva entre o trabalho do historiador e seu cotidiano, o ato de fazer por exigências acadêmicas e de agências que fomentam a pesquisa, há uma cegueira epistemológica. Cegueira essa que culturalmente desenvolvida e formalizada pelos sujeitos sociais em virtude dos processos de socialização e dos saberes que nesses processos se tecem. Esta cegueira pode ser superada — desaprendida — a partir de processos cotidianos de desestabilização do que é sabido, que dará origem tanto a novas possibilidades quanto a impossibilidades, derivadas de novas e diferentes cegueiras ou, ainda, de um impedimento à repetição. Ou seja, a partir do questionamento e da desnaturalização dos valores e saberes socialmente tecidos.

Pelas rupturas e continuidades, podemos falar em crise da história. Como diz Dosse,

a desconstrução do real que hoje se opera, parece fundamentalmente ligada ao período atual: o das ilusões perdidas. No momento em que o vento da história soprava para construir uma sociedade nova, ou seja, no século XVIII e na metade do século XIX, os pensadores buscavam o sentido do futuro humano e inscreviam o presente na lógica racional. De Kant a Marx, sem esquecer Hegel, temos a compreensão dos fundamentos das batalhas em curso pela liberdade. Ao contrário, quando as resistências às mudanças triunfam, no momento em que as esperanças são frustradas, em que a desilusão se enraíza, assiste-se à recusa da racionalização global do real. Já que o real não realiza as esperanças, ele não pode ser racional. A história perde, então, todo sentido, fragmenta-se em múltiplos segmentos. O real só é, portanto, racional quando o homem o assume. Perde essa racionalidade quando escapa à vontade humana. (1992, p. 76)

Certeau desenvolveu ideias que nortearam diversas áreas das ciências humanas, principalmente no campo da História. É o próprio Certeau (1994) quem alerta para a insuficiência do método, porque é deixado de lado o cotidiano como fonte de pesquisa em História.

Cotidiano e experiência andam juntas. Para compreendermos essa relação, vamos elencar contribuições de Michel de Certeau de Walter Benjamin, que não apenas “pensaram” sobre a história, mas que construíram uma análise da mesma. O pensamento benjaminiano apresenta um corpo teórico que nos possibilita “pensarmos” o mundo moderno, além de ser um precioso instrumental crítico de análise. Que história queremos fazer? Como viver a experiência histórica como transformação da realidade? Eis algumas perguntas que ao longo do texto possam ser elucidadas.

Kosseleck (2006) esclarece que o conhecimento histórico não é somente aquilo que se encontra nas fontes, é algo mais. É nessa hora que podemos realizar uma ponte com a ideia de Block (2001) de que fontes são vestígios, isto é, a fonte por si não é conhecimento histórico. A fonte precisa ser “provocada” para emergir essa episteme histórica. Conforme Kosseleck,

[...] o conhecimento histórico é sempre mais do que aquilo que se encontra nas fontes. Uma fonte pode existir previamente ao início da investigação ou ser descoberta por ela. Mas ela também pode não existir mais. Assim, o historiador vê-se na necessidade de arriscar proposições. Mas o que impede o historiador de se assegurar da história do presente ou do passado por meio, unicamente, da interpretação de fontes não é apenas sua escassez (ou, no caso da história moderna, o excesso de oferta). Toda fonte ou, mais precisamente, todo vestígio que se transforma em fonte por meio de nossas interrogações nos remete a uma história que é sempre algo mais ou algo menos que o próprio vestígio, e sempre algo diferente

dele. Uma história nunca é idêntica à fonte que dela dá testemunho. Se assim fosse, toda fonte que jorra cristalina seria já a própria história que se busca conhecer. (2006. p. 186)

Nessa perspectiva de raciocínio, Kosseleck (2006) ressalta que uma fonte histórica por si só não diz os resultados, mas, sim, cabe ao historiador indagar a partir de seus objetivos. No processo de fazer história, há questionamentos que precisam ser desmontados e montados, uma espécie de quebra-cabeça que vão traçar perspectivas nas quais farão por em evidência constante e alerta a partir das entrelinhas, do não-dito. Não obstante, é por meio da relação cotidiana que o historiador tem com as fontes alinhada ao modo de experienciar tal fato que ressignifique não somente a si (historiador), mas, sim, ao próprio ato de fazer história. Sem uma experiência autêntica adquirida em contato de forma cotidiana com os documentos, inviabiliza todo o ato de fazer história.

Breves reverberações certeaurianas sobre o cotidiano e o fazer historiográfico

Certeau ao escrever *A invenção do cotidiano* bebe de saberes bem singulares para desenvolver suas ideias que vão para além da história como teologia, educação, psicanálise, filosofia, antropologia e linguística. No entanto, grandes referências à psicanálise, de Freud; à filosofia de linguagem, de Wittgenstein; e a antropologia de Strauss. Certeau nos coloca um foco, não nas imposições de padrões de comportamento, fazendo uma crítica a Foucault (2010) e seus procedimentos de controle e nem na concepção de *habitus* do campo teórico-metodológico de Bourdieu (2007).

O pesquisador deve ter em suas práticas cotidianas formas de saber e conhecimentos práticos, que dependem de uma ocasião ou um momento oportuno para serem colocados em ação.

Quando pensamos em fazer história, devemos nos ater nos “modos de fazer” das pessoas comuns, atento às diversas maneiras pelas quais fazem uso de regras e convenções impostas por uma ordem social e

economicamente dominante. Para isto Certeau escolhe para análise campos corriqueiros de ação: o espaço, a língua, a crença, entre outros. Trata, por exemplo, do caminhar pela cidade como um modo de “praticar o espaço” e apropriar-se do traçado urbano, não previsto pelos planos urbanísticos, que, segundo Certeau (1994), o pesquisador ancora-se a partir do cotidiano e com as experiências do dia a dia, seus códigos próprios de percepção e interesses.

Para Certeau (1994), o cotidiano deve ser entendido como algo muito mais que um comum cenário rotineiro de trabalho, um espaço que representa uma produção das práticas sociais. O cotidiano é um lugar onde os sujeitos são capazes de se apropriar da esfera simbólica são constituídas por diversas classes e transformá-la, dando uma nova percepção da vida com suas necessidades e possibilidades.

Na construção do cotidiano, Certeau (1994) esclarece dois comportamentos do indivíduo: o estratégico e o tático. O pensador constitui esses termos a partir da observação do contexto militar a qual observou durante suas pesquisas e, com isso, é atribuído novos significados. Desse modo, a estratégia se delimita a um lugar que é uma composição transitória de contexto. O cotidiano, como descrito por Certeau (1994), é operado pela criatividade, gerando linhas do inesperado. É possível dizer que o trabalho criativo do historiador é uma realidade incontrolável do cotidiano. O trabalho criativo, nessa perspectiva, reordena os espaços (lugar vivido), por meio da atribuição de novos sentidos, o que cria chances significativas dos sujeitos imbricados na ação reapropriar suas práticas cotidianas e ressignificá-las para produzir um fazer coeso, (re)inventando o cotidiano e desenvolvendo novas experiências.

Breves apontamentos bejamianos acerca da experiência e do ato de historiar

Os lugares formativos constituem uma dimensão de desenvolvimento pessoal, cultural, social ou profissional. Segundo Josso (2004, p. 60), é nesse

sentido que a experiência faz parte do próprio processo existencial de cada sujeito

o processo do caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, portanto, é necessário a tomada de consciência inerente à passagem de uma compreensão da formação do sujeito para o conhecimento das características da sua subjetividade em exercício [...] esses são os objetivos formativos da abordagem histórica de vida, além das aprendizagens que a abordagem, tal como é proposta, pode favorecer.

Larrosa (2004 e 2002) esclarece a necessidade de fazê-la ecoar de outra maneira. A experiência foi menosprezada como algo menor tanto na racionalidade clássica quanto na moderna. Na filosofia clássica, a experiência foi entendida como uma forma inferior de conhecimento, considerada no máximo como ponto de partida para o conhecimento verdadeiro. Platão, por exemplo, compreende a experiência como estando localizada no mundo das aparências, por consequência, próxima da opinião e distante do mundo verdadeiro. Prontamente, Larrosa, diz que

(...) a filosofia clássica, como ontologia, como dialética, como saber baseado em princípios, busca verdades que sejam independentes da experiência (...) A razão tem que ser pura, tem que produzir idéias claras e distintas, e a experiência é sempre impura, confusa, demasiado ligada ao tempo, a fugacidade e a mutabilidade do tempo, demasiado ligada a situações concretas, particulares, contextuais, demasiado ligada ao nosso corpo, nossas paixões, a nossos amores e a nossos ódios (LARROSA, 2004, p. 22).

A experiência, antes, incompatível com a certeza de verdade, perde sua relevância. Ela identifica-se com a ordem do casual e do efêmero. Sobre essa compreensão da experiência, salienta Larrosa (2004, p. 22)

a experiência é sempre de alguém, subjetiva, é sempre aqui e agora, contextual, finita, provisória, sensível, mortal, de carne e osso, como a vida mesma. A experiência tem algo da opacidade, da obscuridade e da confusão da vida, algo da desordem e da indecisão da vida. Por isso, na ciência tampouco há lugar para a experiência, por isso a ciência também menospreza a experiência, por isso a linguagem da ciência tampouco pode ser a linguagem da experiência.

Nessa perspectiva, se existe algo que a experiência poderia colaborar é na arte de narrar ao provocar, suspender valores e incitar paixões que, juntas, podem abrir forças criativas no mundo formado por indivíduos solitários e

angustiados; indivíduos atravessados por experiências efêmeras, justamente, por serem vividas isoladamente em uma sociedade dividida. Nesse contexto,

são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 1991, p. 198).

Narrar histórias sempre foi à arte de (re)contá-las de novo, e ela se perde no caminho quando não são mais conservadas e transmitidas para outras gerações. A experiência se perde porque ninguém mais fia, tece, trama enquanto ouve as histórias. Assim, quando o ritmo de trabalho dos professores é intenso, eles escutam as histórias de outros professores de uma maneira que não contribui para uma experiência coletiva transformativa atrelada a sua formação.

Na abertura de *Experiência e Pobreza*, Benjamin nos relata a história de um ancião que, no instante de sua morte, revela aos filhos um tesouro. Ele estaria enterrado em seus antigos campos de uvas, o que faz com que os filhos cavem e revirem todo o terreno, loucamente, para achar a fortuna. No entanto, não acharam nada. Quando chega o outono, com a terra revirada, as vinhas brotam mais que qualquer outra da região. Só então entenderam que seu pai lhes havia transmitido certa *experiência*. Com essa parábola, Benjamin deixa a entender o tema central de suas reflexões

tais experiências nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescíamos: “ele é muito jovem, em breve poderá compreender”. Ou “um dia ainda compreenderá”. Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado hoje por um provérbio oportuno? Quem tentará sequer lidar com a juventude invocando sua experiência? Não, está claro que as ações da experiência estão em baixa. (BENJAMIN 1991, p. 114)

A experiência, portanto, sempre carrega uma dimensão formativa. Contudo, a sociedade moderna e pragmática transforma a experiência de narrar vivências em experimentos acadêmicos utilitários (BENJAMIN, 1991).

Com isso, a valorização do presente é afirmada mediante um conceito de barbárie “a serviço da transformação da realidade, e não de sua descrição” (BENJAMIN, 1991, p. 117), os “novos bárbaros” são “solidários dos homens que fizeram do novo uma coisa essencialmente sua, com lucidez e capacidade de renúncia” (BENJAMIN, 1991, p. 119). Logo,

essa contradição é o caminho que encontramos para pensar a possibilidade de reconstrução da experiência, mesmo em sua relação com o cotidiano degradado pelo universo mercantilizado da cultura moderna. (MITROVITCH, 2011, p. 67)

Mitrovitch sugere encarnar radicalmente os antagonismos e as contradições da modernidade. Benjamin expõe as incompletudes do projeto chamado “modernização” — contraditório, inacabado, mal resolvido. Temos que *experienciar* o cotidiano. Viver uma história autêntica.

Considerações finais

Ao refletir sobre o cotidiano de trabalho do historiador, percebemos como (re)invenções singulares do habitual, não rotineiro, são um fazer carregado de conhecimentos próprios do sujeito. A experiência, nesse cotidiano, intenciona escapar às situações circunstanciais e relações de poder de um sistema cultural previamente estabelecido. Nessa ótica, não se aceita a reprodução da norma como criada, logo são ressignificado o cotidiano em um fazer intencionado e em cada ato de historiador. Enfim, o cotidiano dos sujeitos (tanto os das fontes quanto o historiador), heróis anônimos, pouco a pouco ocupa o centro das cenas científicas. Suas práticas invisíveis se tornam fenômenos de grande interesse e admiração.

É nesta expectativa que compreendemos ser plausível garantir que a experiência resulte em condição favorável, permitindo a transmissão de um saber apreendido no cotidiano. Nessa conjuntura, pensar o cotidiano supõe analisar como as experiências estão inseridas no presente e aquelas que largamente se acumularam ao longo do tempo e que estão imersas na vida cotidiana das famílias, dos alunos, professores, enfim, cidadãos situados historicamente e carregados de memórias.

Referências

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política.** 4ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1991a.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DOSSE, François. **A História em Migalhas: dos Annales à Nova História.** São Paulo/Campinas: Editora Ensaio/Unicamp, 1992.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 38ª ed. Petrópolis: Rio de Janeiro. 2010, p. 251.

JOSSO, M. C. **Experiências de Vida e Formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

KOSELLECK, R. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUCRio, 2006.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a Experiência e o Saber da Experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan-abr. 2002.

_____. **Linguagem e educação depois de babel.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MITROVITCH, Caroline. **Experiência e formação em Walter Benjamin.** São Paulo: UNESP, 2011.